

JAKE ADELSTEIN

Tóquio proibida

Uma viagem perigosa pelo submundo japonês

Tradução

Donaldson M. Garschagen



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2009 by Joshua Adelstein

This translation published by arrangement with Pantheon Books, an imprint of The Knopf Doubleday Group, a division of Random House, Inc.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Tokyo vice — An American reporter on the police beat in Japan

Capa

Elisa v. Randow

Foto de capa

© Bruce Gilden/ Magnum Photos/ LatinStock

Preparação

Leny Cordeiro

Revisão

Valquíria Della Pozza

Isabel Jorge Cury

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Adelstein, Jake

Tóquio proibida : uma viagem perigosa pelo submundo japonês / Jake Adelstein ; tradução Donaldson M. Garschagen. — São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

Título original: Tokyo vice : An American reporter on the police beat in Japan

ISBN 978-85-359-1847-2

1. Adelstein, Jake 2. Crime e imprensa – Japão 3. Crime organizado – Japão 4. Crime – Japão 5. Repórteres e reportagens 1. Título.

11-03072

CDD-364.10952

Índice para catálogo sistemático:

1. Crimes : Japão : Problemas sociais 364.10952

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacia.com.br

Dedico este livro

Ao investigador Sekiguchi, que me ensinou o que é ser um homem honrado. Estou tentando.

A meu pai, que foi sempre meu herói e me ensinou a defender o que é certo.

Ao Departamento da Polícia Metropolitana de Tóquio e ao Federal Bureau of Investigation (FBI), por terem protegido a mim, a meus amigos e a minha família, e por seus incansáveis esforços para reprimir as forças das trevas.

Aos que amei e se foram para não mais voltar. Vocês são lembrados com saudade.

会うは別れの始め

O encontro é somente o começo da separação.

Provérbio japonês

Sumário

Prelúdio — Dez mil cigarros	11
-----------------------------------	----

PARTE I

朝日 Manhã de sol

A sorte estará do seu lado	21
Não se trata de aprender, mas de desaprender	36
Tudo bem, garotos, peguem seus blocos	55
Chantagem: a melhor amiga de um repórter iniciante	71
É Ano-Novo, vamos brigar	81
O perfeito manual do suicídio	89
O assassinato da <i>snack-mama</i> de Chichibu	103
Enterrem-me numa cova qualquer: a visita dos <i>yakuzas</i>	122
A sequência de desaparecimentos de amigos de cachorros em Saitama, parte I: Quer dizer que está me pedindo para confiar em você? ..	143
A sequência de desaparecimentos de amigos de cachorros em Saitama, parte II:	

Fora da cama, os <i>yakuzas</i> são uns sanguessugas que não valem nada	166
---	-----

PARTE II

日常 A jornada

Bem-vindo a Kabukicho!	191
Minha noite como acompanhante	217
Que fim levou Lucie Blackman?	232
Caixas eletrônicos e britadeiras: um dia na vida de um repórter do <i>shakaibu</i>	269
Flores da noite	278
O Imperador da Agiotagem	292

PARTE III

夕暮れ Ocaso

O império do tráfico de pessoas	325
Dez mil e um cigarros	358
De volta à ronda	365
Confissões de um <i>yakuza</i>	377
Dois venenos	401
Epílogo	437
Nota sobre fontes e proteção de fontes	449
Agradecimentos	451
Nota do autor	455

PARTE I

朝日

MANHÃ DE SOL

A sorte estará do seu lado

O dia 12 de julho de 1992 foi crucial para minha formação sobre o Japão. Eu estava grudado no telefone, com os pés dentro de minha minigeladeira — no calor do verão, qualquer friozinho vem bem —, esperando uma ligação do *Yomiuri Shimbun*, o mais prestigiado jornal do Japão. Ou eu conseguia emprego como repórter ou ficaria sem trabalho. Foi uma longa noite, o auge de um processo que vinha se estendendo por um ano inteiro.

Pouco tempo antes, eu me dava ao luxo de não me importar nem um pouco com o futuro. Era aluno da Universidade Sofia (Joi-chi), em plena Tóquio, na qual pretendia obter um diploma de graduação em literatura comparada, e escrevia para o jornal estudantil.

Assim, eu tinha alguma experiência, mas nada que pudesse ser visto como o começo de uma carreira. Estava um passo além de dar aulas de inglês, e conseguia uma renda decente traduzindo do inglês para o japonês vídeos didáticos de kung fu. Com mais algum bico ocasional, fazendo massagem sueca para donas de casa japonesas ricas, eu ganhava o bastante para as despesas do dia a dia, mas ainda dependia de meus pais para pagar os estudos.

Eu não tinha ideia do que pretendia fazer. A maior parte de meus colegas de estudos já tinha promessas de emprego antes mesmo da formatura — um costume chamado *naitei*, pouco ético mas generalizado. Eu também tinha uma promessa, da Sony Computer Entertainment, mas que só valeria se eu estendesse meu curso por mais um ano. Não era o emprego que pedi a Deus, mas afinal de contas era a Sony.

Foi assim que no fim de 1991, com uma carga horária levíssima e tempo livre de sobra, decidi mergulhar no estudo do japonês. Cismei de prestar o exame de ingresso nos meios de comunicação, destinado a recém-formados, e tentar descolar um emprego como repórter, trabalhando e escrevendo em japonês. Na minha fantasia, eu supunha que, se era capaz de escrever para o jornal estudantil, não poderia ter muita dificuldade para escrever num jornal de circulação nacional com 8 ou 9 milhões de leitores.

No Japão, as pessoas não abrem caminho para uma carreira nos principais jornais a partir de publicações regionais, em pequenas cidades. Os jornais contratam o grosso de seus repórteres diretamente na universidade, mas antes disso os calouros precisam prestar um “exame de ingresso”, semelhante a um vestibular. O ritual funciona assim: os aspirantes a repórter se reúnem num gigantesco auditório onde são submetidos a um dia inteiro de testes. Os que conseguem uma boa pontuação são chamados para uma entrevista, depois outra, e depois outra. Quem for bem nas entrevistas e cair nas graças dos entrevistadores pode receber uma promessa de emprego.

Para ser sincero, eu não acreditava de verdade que pudesse ser contratado por um jornal japonês. O que quero dizer é o seguinte: quais seriam as chances de um garoto judeu do Missouri ser aceito nessa fraternidade jornalística japonesa de alto nível? Mas eu não me importava. Se tinha de estudar uma coisa, se tinha um objetivo, ainda que inalcançável, o tempo gasto correndo

atrás dele deveria ter resultados indiretos. No pior dos casos, ia melhorar meu japonês.

Mas a qual jornal eu me candidataria? O Japão tem um excesso de mídias de notícias, que são ainda mais importantes que nos Estados Unidos.

O *Yomiuri Shimbun* é o jornal de maior circulação do Japão e do mundo — mais de 10 milhões de exemplares por dia. O *Asahi Shimbun* vem em segundo lugar, hoje mais distante do primeiro do que antes. Dizia-se que o *Yomiuri* era o órgão oficial do PLD, Partido Liberal Democrático, que dominou a política japonesa desde a Segunda Guerra Mundial; o *Asahi* era o jornal oficial dos socialistas, quase invisíveis hoje em dia; e o *Mainichi Shimbun*, o terceiro, era o porta-voz dos anarquistas, porque nunca sabia de que lado estava. O *Sankei Shimbun*, provavelmente o quarto jornal do país nessa época, era considerado o porta-voz da extrema direita; dizia-se que tinha tanta credibilidade quanto um tabloide de supermercado. Mesmo assim, às vezes dava bons furos.

A agência de notícias Kyodo, equivalente da Associated Press no Japão, era ainda mais difícil de entender. A agência se chamava originalmente Domei, e foi o braço propagandístico oficial do governo japonês durante a Segunda Guerra Mundial. Nem todos os vínculos políticos foram cortados quando a agência se tornou independente depois da guerra. Além disso, a Dentsu, a maior e mais poderosa agência de publicidade do Japão (e do mundo), tem uma participação dominante na empresa, e isso dá o tom de sua linha. No entanto, há algo que faz da Kyodo uma excelente agência de notícias para quem trabalha nela: seu sindicato, que causa inveja em todos os repórteres do Japão. O sindicato garante que seus repórteres possam tirar as férias a que têm direito — o que é bem raro na maior parte das empresas japonesas.

Existe também a Jiji Press, uma espécie de irmã mais nova da Kyodo, mas muito ativa. Tem menos leitores e menos repórteres.

A piada corrente é que os repórteres da Jiji escrevem seus artigos depois de ler os da Kyodo — uma piada cruel numa atividade cruel.

A princípio, inclinei-me pelo *Asahi*, mas comecei a me sentir ofendido por sua insistência em falar mal dos Estados Unidos a cada oportunidade. Parecia se incomodar com a imagem que a maioria das pessoas no Japão, segundo eu pensava, tinha de meu país: porta-voz da democracia, distribuindo liberdade e justiça em todo o mundo livre.

Os editoriais do *Yomiuri* eram áridos, muito conservadores, indefinidos e escritos com forte carga de kanji (os ideogramas chineses originais), mas as matérias da editoria nacional de fato me impressionavam. Num tempo em que a expressão “tráfico de pessoas” anda não fazia parte do vocabulário popular, o *Yomiuri* publicou uma série de denúncias detalhadas sobre o drama de tailandesas levadas a ingressar clandestinamente no Japão para trabalhar na indústria do sexo. Os artigos tratavam as mulheres com certa dignidade e, embora com cautela, criticavam a polícia por sua ineficácia em relação ao problema. A posição do jornal, pareceu-me, era firmemente favorável aos oprimidos. Lutava por justiça.

O *Asahi* e o *Yomiuri* marcaram os exames para o mesmo dia. Inscrevi-me para o do *Yomiuri*.

O exame fazia parte do Seminário de Jornalismo do *Yomiuri Shimbun*, um método dissimulado e bem conhecido de contratar pessoas antes do início da temporada oficial de caça ao emprego. Permitia que eles fisessem a nata de cada safra. O processo não é muito divulgado, portanto quem quiser de verdade entrar para o *Yomiuri* precisa ler o jornal religiosamente, ou pode perder o bilhete premiado. Todos os redatores do jornal universitário que aspiravam a ser repórteres do *Yomiuri* checavam as páginas do jornal. Num país em que as aparências são importantes, eu precisava parecer respeitável. Escarafunchei meu armário só pa-

ra descobrir que a umidade do verão tinha transformado meus dois ternos em colônias de fungos. Então me meti numa loja de roupa masculina que dava bons descontos e comprei um terno de verão pelo equivalente a trezentos dólares. A roupa era feita de um tecido fino e bem ventilado, com um belo acabamento preto fosco. Ficou bem em mim.

Quis impressionar Inukai, meu amigo e editor do jornal estudantil, com minha elegância, mas quando apareci na redação, localizada num porão escuro como uma masmorra, sua reação foi bem diferente da que eu imaginava.

“Meus pêsames, Jake-kun.”

Aoyama-chan, outra colega, parecia pensativa. Não abriu a boca.

Eu não conseguia entender o que estava acontecendo.

“O que aconteceu? Foi algum amigo?”, perguntou Inukai.

“Um amigo?”

“Quem morreu?”

“Hem? Ninguém morreu. Todo mundo que conheço está bem.”

Inukai tirou os óculos e limpou as lentes com a camisa. “Então você comprou esse terno sozinho?”

“Isso. Trinta mil ienes.”

Inukai estava achando graça naquilo. Digo isso porque ele apertava os olhos como um cachorrinho alegre. “Que tipo de terno você pretendia comprar?”, perguntou, com falsa seriedade.

“O anúncio dizia *reifuku*.”

Aoyama-chan segurava o riso.

“O que foi?”, perguntei. “O que há de errado?”

“Seu idiota! Você comprou um terno de luto! Isso não é um *reifuku*, é um *mofuku*!”

“Qual é a diferença?”

“O *mofuku* é preto. Ninguém usa terno preto para uma entrevista de emprego.”

“Ninguém mesmo?”

“Talvez um *yakuza*.”

“Bom, não posso fazer de conta que acabo de chegar de um enterro? Quem sabe ganho pontos por solidariedade...”

“Lá isso é. As pessoas têm pena de deficientes mentais.”

Aoyama entrou no papo. “Quem sabe você pode se candidatar a *yakuza*! Eles usam preto! Você seria o primeiro *yakuza* gaijin!”

“Ele não nasceu para ser *yakuza*”, disse Inukai. “E o que seria dele quando o pusessem para fora?”

“É verdade”, disse Aoyama, aquiescendo. “Se não der certo, ele vai ter um trabalhão para voltar a ser jornalista. É difícil escrever só com nove dedos.”

A essa altura, Inukai estava com a corda toda. “Não acho que ele consiga sair da organização com nove dedos. Com oito é mais provável. Ele é o tipo do enrolão, primitivo, descoordenado e sempre atrasado. Um bárbaro.”

“Entendo”, disse Aoyama. “Na verdade, ele ainda poderia catar milho na máquina de escrever. Mas em termos de carreira, não acho que a de *yakuza* seja para ele, embora fique bem de terno preto.”

“Então o que devo fazer?”

“Compre outro terno”, disseram os dois em coro.

“Não tenho dinheiro.”

Inukai ficou pensativo. “Hum... Acho que você pode ir com esse porque é um gaijin. Talvez até achem engraçadinho... se não concluírem que você é um idiota.”

Foi o que fiz.

Com o terno de luto e tal, em 7 de maio me arrastei até a primeira sessão do seminário, realizada às 12h50 num lugar imponente pagado ao edifício central do *Yomiuri Shimbun*. O semi-

nário seria feito em dois dias. O primeiro era um dia de aulas. O segundo era de *enshuu*, ou “prática de campo”, um eufemismo para exames. Fiquei surpreso com o uso dessa expressão, que é um termo basicamente militar.*

O seminário começou com um discurso de abertura e uma palestra “para os que aspiram a ser jornalistas”, seguida de uma segunda palestra sobre os princípios éticos fundamentais da reportagem do jornal. Depois houve uma sessão de duas horas em que “o pessoal da linha de frente” — repórteres da ativa — falou sobre seu trabalho, as alegrias de conseguir um furo e a angústia de ser furado pela concorrência.

Não me lembro de muitos detalhes das palestras. As longas horas que passei lendo e aprendendo a escrever em japonês com alguma competência tinham um lado ruim: minha capacidade de entender o japonês falado era paupérrima. Além disso, eu não era dos falantes mais fluentes. No entanto, estava fazendo um jogo calculado. Para conseguir uma entrevista, é preciso ir bem no teste escrito, portanto eu havia empregado mais tempo em ler e escrever do que em qualquer outra coisa. Eu não diria que era completamente surdo para o japonês, mas sim que tinha capacidade limitada de entender e falar.

Mas, pelo que pude entender, os comentários do repórter de polícia sobre a cobertura da seção de segurança pública do Departamento da Polícia Metropolitana de Tóquio me pareceram bastante bons. O cara aparentava quarenta anos, tinha cabelo grisalho e crespo e ombros caídos — aquilo que os japoneses chamam de “postura de gato”.

* Os repórteres do *Yomiuri* como grupo às vezes são chamados de *Yomiuri-gun* (exército do *Yomiuri*), e os repórteres não contratados do *shakaibu* (editorias nacional, policial e de cidade) são os *yu-gun* (literalmente, exército dos parados, mas com o sentido tradicional de “corpo de reserva”).

Segundo ele, a seção de segurança pública raramente emitia declarações e jamais distribuía comunicados à imprensa. Tudo era dito no resumo do caso oferecido pela polícia, de modo que quem não prestasse atenção perdia a matéria. Não era lugar para viciados em adrenalina (ou estrangeiros). Às vezes os repórteres passavam um ano inteiro sem escrever uma só palavra. Mas sempre que ocorria uma prisão, havia muitas notícias, já que isso envolvia questões de segurança nacional.

O verdadeiro exame, ou “exercício de ordem-unida”, como era chamado, estava marcado para três dias depois, na Escola Profissionalizante de Engenharia Yomiuri, nos subúrbios de Tóquio. Como eu não tinha lido o folheto da empresa, fiquei um pouco confuso com o fato de um jornal ter também uma escola profissionalizante. Eu ainda não sabia que o *Yomiuri* era muito mais que um jornal; era um vasto conglomerado de empresas que abrangiam desde o parque de diversões Yomiurilândia até a Yomiuri Ryoko, uma agência de viagens, e a pousada Yomiuri, em Kamakura, uma hospedaria japonesa tradicional. O *Yomiuri* também tinha seu próprio mini-hospital, no terceiro andar de sua sede, dormitórios no quarto andar, uma cafeteria, uma farmácia, uma livraria e um massagista interno. O time de beisebol da empresa, os Yomiuri Jaiantsu (Giants), é comparável aos Yankees em popularidade. Com entretenimento, férias, serviços médicos e esportes, era possível passar a vida toda no Japão sem sair do império Yomiuri.

A partir da estação, segui a multidão de jovens japoneses vestidos de terno azul-marinho e gravata vermelha, o “uniforme de recruta” da época. Em 1992, isso implicava também que todos os que tinham tingido o cabelo de castanho ou vermelho, ao sabor da moda, devolvessem a ele o preto original. Havia uma ou outra mulher, vestida com o equivalente feminino do sóbrio terno azul-marinho.